

Soliloquio 3

Eu sou um rapaz normal e sensato, meu senhor. Eu nunca me fiz notar. O senhor repararia em mim se eu não tivesse sentado ao seu lado? Eu sempre pensei que a melhor maneira de viver tranquilo, seria ser tão transparente como um pedaço de vidro, como um camaleão em cima de uma pedra, passar através das paredes, não ter cor nem cheiro; que os olhares das pessoas te atravessassem e vissem apenas atrás de você, como se você não estivesse lá. É uma tarefa difícil ser transparente; é um trabalho; é um sonho antigo, muito antigo, de ser invisível. Eu não sou um herói. Os heróis são criminosos. Não existem heróis cujas roupas não sejam sujas de sangue, e o sangue é a única coisa no mundo que não pode passar despercebida. É a coisa mais visível do mundo, quando tudo estiver destruído, quando só tiver uma bruma de fim de mundo cobrindo a terra, vão ficar ainda as roupas sujas de sangue dos heróis. Eu estudei, eu fui um bom aluno. Eu estou matriculado na universidade. Sobre os bancos da Sorbonne, meu lugar está reservado, entre outros bons alunos no meio dos quais eu não serei notado. Eu te juro que é preciso ser um bom aluno, discreto e invisível, para estar na Sorbonne. Lá não é uma destas universidades de subúrbio onde ficam os maus elementos e aqueles que se tornam heróis. Os corredores da minha universidade são silenciosos e atravessados por sombras, das quais não se escuta nem os passos. A partir de amanhã eu voltarei para continuar meu curso de linguística. Amanhã é o dia da aula de linguística. E lá estarei eu, invisível entre os invisíveis, silencioso e atento dentro da bruma desta vida comum. Nada vai poder mudar o curso das coisas, meu senhor. Eu sou como um trem que atravessa tranquilamente uma pradaria e que nada poderia fazer com que descarrilhasse. Eu sou como um hipopótamo afundado na lama, que se movimentava muito devagar e que nada poderia desviar do caminho nem do ritmo que ele decidiu tomar.

(Roberto Zucco-Bernard-Marie Koltès)